

Sistema recebe críticas e elogios

Professora da Universidade Federal de Alagoas diz que seleção é igual para todos, o que garante a aprovação dos melhores estudantes

BLEINE OLIVEIRA
REPÓRTER

A professora Clara Suassuna ressalta que, nove anos depois de implantada, a política de cotas ainda gera as mesmas perguntas, vindas de pessoas que desconhecem os programas das universidades em todo o País. Ela ressalta que os estudantes têm no ingresso a oportunidade de qualificação.

“O sistema de cotas é um processo de retratação histórica reconhecida pelo Estado federal e por todos que lutam por uma sociedade mais democrática”, afirma ela.

A coordenadora considera importante lembrar que os candidatos cotistas são submetidos ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) da mesma forma que os demais. “Quem não estuda, não passa. Temos dados que o aluno cotista tem aprovação acima dos alunos não cotistas e isto não é realidade apenas de Alagoas, mas em todos os Estados da federação. Eles, os estudantes, conseguem a vaga igual aos outros jovens, por mérito”, destaca Clara Suassuna.

Segundo ela, a Ufal terá novo processo de ingresso até 2023, quando ocorrerá um processo de avaliação do modelo atual. “As políticas públicas têm prazos, início, meio e fim”, ressalta. A professora lembra que, desde 2001, o Estado Brasileiro se comprometeu em adotar políticas públicas para banir o racismo e todo o tipo de discriminação. “O Movimento Negro do País teve o reconhecimento de sua luta, quando houve a implementação da lei 10.639/03, processo das políticas públicas. Esse processo foi iniciado mesmo antes de 1960, quando Abdias do Nascimento já reivindicava o ensino da História da África e dos afrodescendentes nas escolas”, história Clara Suassuna.

Docente da rede pública municipal, o professor Ricardo Oliveira Lima não considera satisfatória a política de cotas. Para ele, o sistema adotado pelas universidades públicas brasileiras não cumpre seu objetivo. A razão, argumenta, é que os alunos que saem das escolas públicas enfrentam severa desvan-

tagem em relação aos demais. “O sucateamento da rede pública é um obstáculo que o pobre tem incontáveis dificuldades para vencer”, afirma Ricardo Oliveira, atualmente ocupando o cargo de diretor da Escola de Ensino Fundamental Pio X, unidade da rede pública municipal localizada no bairro do Prado, em Maceió.

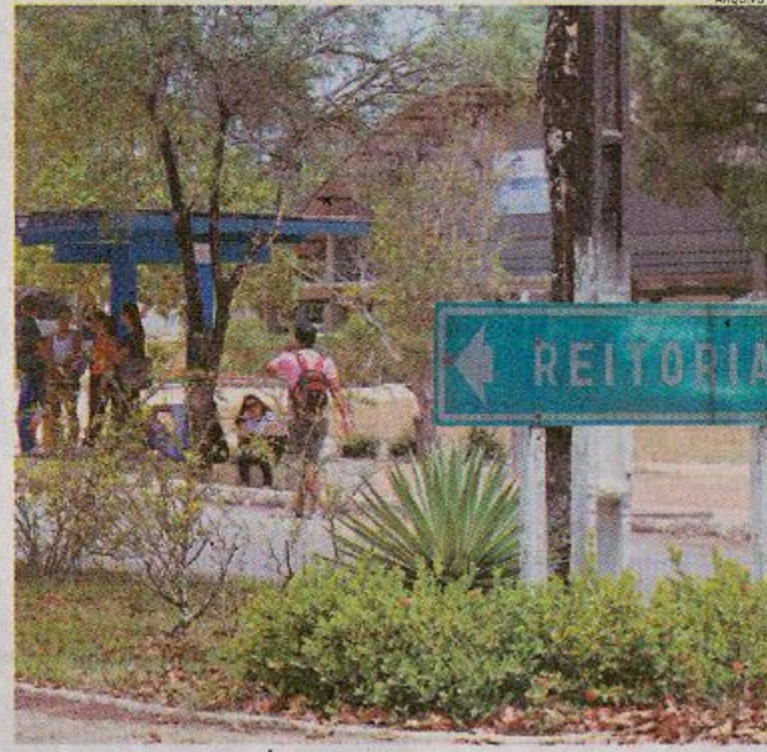
Ressaltando que o sucateamento das unidades públicas ocorre em Alagoas e na maioria dos Estados brasileiros, o professor

Frase

CLARA SUASSUNA
PROFESSORA DA UFAL

“Eles, os estudantes, conseguem a vaga igual aos outros jovens, por mérito”

faz uma comparação entre as escolas públicas de quatro décadas atrás e sua realidade hoje. “A escola pública deixou de ser valorizada quando a classe média e a elite criaram o ensino particular. A rede pública passou a ser coisa de pobre e, como tal, é tratada até hoje”, afirma Ricardo Oliveira.



Estudantes que entram nos cursos da Ufal por meio das cotas têm uma chance de qualificação, ressalta coordenadora do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros